



ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

MULHERES EVANGÉLICAS EM CARGOS DE LIDERANÇA: ESTUDO DOS CONTEÚDOS A PARTIR DO COLETIVO EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO (EIG) E O MOVIMENTO GODLLYWOOD

Melina Bazan Albuquerque (UEL-IC) ¹

708

Resumo: O artigo tem por objetivo compreender quais são os discursos e as concepções que mulheres evangélicas, que ocupam cargos de liderança em seu espaço religioso, possuem a respeito das vivências de outras mulheres dentro das comunidades religiosas, mais especificamente, comunidades evangélicas. Propus estudar estes discursos a partir de dois movimentos religiosos: o Movimento *Godllywood*, fundado pela Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus; e o Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero, fundado pela teóloga feminista Valéria Vilhena. Porém o foco é na coordenadora do coletivo no Paraná, Vanessa Carvalho de Melo. Estudamos como as mulheres cristãs, que conquistaram cargos de autoridade em sua comunidade religiosa, têm lidado com o público que as ouvem e seus discursos e interpretações feitas a partir da bíblia. Devido ao isolamento social provocado pela decretação da pandemia do novo coronavírus, a metodologia da pesquisa baseou-se na busca de artigos que descrevem e contextualizam a relação que se estabelece entre as mulheres e a religião cristã protestante; eventos e cursos online que tratam do tema sobre mulheres em diferentes espaços; canais de comunicação confiáveis, como sites e páginas oficiais; plataformas de vídeo, como o Youtube, para assistir palestras e pregações realizadas pelo público alvo da pesquisa, sendo elas, mulheres evangélicas que possuem cargos de liderança em seu espaço religioso; e entrevista online, via *google meet*, com a coordenadora do Coletivo EIG, no Paraná, Vanessa Carvalho de Melo. A partir destas duas perspectivas oriundas de mulheres que professam a mesma doutrina religiosa, verificamos diferentes interpretações da bíblia e a existência de impactos diferentes na comunidade religiosa que frequentam. O fato de as mulheres evangélicas começarem a ocupar cargos de liderança dentro de seus espaços religiosos, caracterizou um passo significativo no lento processo de luta pela igualdade entre elas e os homens evangélicos. Todavia, o caso de uma mulher na liderança não necessariamente resultará em posicionamentos contra o machismo, a opressão e submissão da mulher.

Palavras-Chaves: Gênero. Religião. Liderança. Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG). Movimento *Godllywood*.

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é entender as concepções que mulheres evangélicas, que ocupam cargos de liderança em seu espaço religioso, possuem a respeito das vivências de outras mulheres dentro das comunidades religiosas, mais especificamente, comunidades evangélicas, a partir do discurso de lideranças femininas. Propus estudar estes discursos a partir de dois movimentos religiosos: o Movimento *Godllywood*, fundado por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, pastor e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus; e o Coletivo

¹ Bolsista de Iniciação Científica/Fundação Araucária. Discente do 4º ano do Curso de Serviço Social. Assistente Social formada pela Universidade Estadual de Londrina - junho de 2021. Participante do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidade. E-mail de contato: melinalb98@gmail.com

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UEL), 4, 2021, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2021.

Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), fundado pela teóloga feminista Valéria Vilhena, especificamente a coordenadora do coletivo no Paraná, Vanessa Carvalho de Melo.

Como essas mulheres têm usado o espaço conquistado a partir de anos de reivindicações e se os têm utilizado para garantir que mais direitos, sejam civis, sociais e políticos, continuem sendo garantidos, ou utilizam deste cargo para reproduzir e fortalecer discursos que oprimem e dão embasamento para as violações de direitos sofridos pelas mulheres evangélicas, dando a entender que seus sofrimentos e angústias são situações decorrentes da “vontade de Deus”.

Em relação a instituição religiosa, percebo como um local em que o “papel” da mulher deveria ser problematizado, ao invés de ser naturalizado como sendo parte da natureza humana. Comportamentos que são pré-estabelecidos às mulheres como características de personalidade amorosa, submissa, cuidadora são intrinsecamente ligadas ao gênero feminino, como se tivessem sido introduzidas geneticamente, pelo simples fato de terem nascido com um órgão feminino.

Mais tarde, já cursando Serviço Social na Universidade Estadual de Londrina, comecei a participar do projeto de pesquisa “A influência da religião na execução de políticas públicas no município de Londrina”, coordenado pela Professora Doutora Claudia Neves da Silva. Este projeto se propõe a estudar as manifestações e as consequências da forte influência que a religião possui dentro da nossa sociedade brasileira e nos leva a compreender como os valores religiosos continuam ganhando espaço dentro das esferas políticas, sociais e econômicas.

Com isto, procurei estudar como as mulheres cristãs que conquistaram cargos de autoridade em sua comunidade religiosa, têm lidado com o público que as ouvem. Quais são os seus discursos e interpretações feitas a partir da bíblia. Procurei entender como, independente dos discursos adotados, tendem a impactar na percepção das mulheres em relação aos seus direitos sociais, civis e políticos, em sua compreensão como mulher na sociedade. Como a profissão de Serviço Social é majoritariamente constituída por mulheres e trabalha com grande número de pessoas do sexo feminino, também foi motivador de interesse por este tema.

No percurso metodológico foram utilizadas algumas ferramentas, como a busca de artigos científicos que descrevem a relação mulher e religião (especialmente a religião cristã protestante), participação em cursos online que discutiam sobre as mulheres em diferentes espaços e a realização de uma entrevista, por modo remoto, com roteiro semi-estruturado com a coordenadora do coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Vanessa Carvalho de Mello.

Além disso, utilizei de canais de comunicação confiáveis (como sites e páginas oficiais) e plataformas de vídeo (como o Youtube) para assistir palestras e pregações realizadas pelo

público-alvo da pesquisa, sendo elas: mulheres evangélicas que possuem cargos de liderança em seu espaço religioso.

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010 o público evangélico somava 22,2% dos brasileiros, representando um aumento de 61% em 10 anos, enquanto a religião Católica Apostólica Romana, permanecia em primeiro lugar contendo 64,6% de adeptos. Dentro dos 42,3 milhões de brasileiros evangélicos, o número de mulheres simpatizantes é maior do que o número de homens, sendo 23.492.609, ou 55,5% de mulheres e 18.782.831 milhões, ou 44,4% de homens, somando uma diferença de 11,1%.

O pesquisador demográfico José Eustáquio Alves (2020) projeta que em 2022 a porcentagem de católicos seria menor que 50%, e em 2032 sofreria uma queda brusca de 38,6%, enquanto os evangélicos, estima-se que podem atingir 39,8% da população. Alves (2020) afirma que o ativismo evangélico e a articulação das igrejas com a política fizeram com que o número de fiéis aumentasse rapidamente, incluindo o apoio massivo de líderes deste campo à candidatura de Jair Messias Bolsonaro, em 2018.

Uma pesquisa realizada em 2009 pela teóloga feminista e criadora do Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Valéria Cristina Vilhena, revelou que 40% das mulheres que sofrem violência doméstica se autodeclaram evangélicas. Vilhena aponta que a violência é muita das vezes abafada e não enfrentada pelos pastores da igreja e não incentiva as mulheres a denunciarem seus abusadores, apenas ‘aceitar humildemente e ser submissa como ordena a palavra de Deus’.

Neste artigo apresentarei dois movimentos que surgiram no interior do universo evangélico, porém, com propostas distintas. O primeiro é o Movimento *Godllywood*, criado pela pastora Cristiane Cardoso, filha do pastor Edir Macedo; e o segundo é o Movimento ou Coletivo EIG -Evangélicas pela Igualdade de Gênero, criado pela teóloga feminista Valéria Vilhena e coordenado pela teóloga Vanessa Carvalho, no Estado do Paraná.

CULPABILIZAÇÃO DA MULHER A PARTIR DO PÚLPITO

Em um vídeo publicado na plataforma digital YouTube, com o título ‘Esta é a reclamação nº1 das mulheres (ignore por sua conta e risco)², o pastor Renato Cardoso, juntamente com sua esposa Cristiane Cardoso, analisam um pedido de ajuda de uma

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHLjCrFGn7k>

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

determinada mulher que os enviou um e-mail relatando sobre problemas em seu relacionamento conjugal, em que ela não se sentia amada por seu esposo e alegava que não o conhecia muito bem. A mulher relata que se casou nova, aos dezenove anos e que orou por um período de cinco meses antes de iniciar um namoro com o rapaz, até que namoraram por um ano e meio, depois se casaram e estão juntos há oito anos.

O pastor já de início constrói um discurso responsabilizando a mulher por ter o dever de saber com quem estava se casando e que um ano e meio já é tempo suficiente para se ter ideia de quem é a pessoa. Ele ressalta que é necessário ter cuidado com a história que você conta, em situações na qual você “se coloca como vítima”.

O pastor continua dizendo “será que ele nunca demonstrou que gosta de você de verdade, será que é verdade isso? será que você está sendo real e verdadeira nessa palavra?” No relato, a mulher aponta: “Ele é de Deus, trabalhador, tem caráter” e o pastor retruca: “maravilha, quantas mulheres gostariam de se casar com um homem assim?”, mas a mulher continua colocando que não sabe se seu marido a ama realmente e que convive com isso há oito anos. Porém, a mulher é mais uma vez repudiada pelo pastor, pois ele diz “se tem essa dúvida desde o início do relacionamento, então por que se casou?”

Na descrição, a mulher aponta que “antes de me conhecer ele se portava totalmente diferente” e o pastor responde “claro, ele estava te conquistando, ele se portava da melhor forma, ele colocava esforço porque o foco dele era te conquistar, casou, ele mudou o foco para o trabalho”. Neste ponto, o pastor faz algumas relações deste caso com o casamento dele, dizendo que também passou por uma situação semelhante, pois, segundo ele, sua esposa aumentava o problema e criava uma situação maior do que ela era.

Em seguida, a palavra é passada para a pastora Cristiane Cardoso que diz se identificar muito com esta mulher e com o seu relato, pois passou por situações similares. Entretanto, ela não culpabiliza o marido pela situação vulnerável na qual a mulher se encontra; atribui a culpa ao ‘diabo’, colocando-o como responsável por ela estar se sentindo desta forma e pontua que ele ‘sopra’ no ouvido dela, fazendo-a invejar outros casais que demonstram mais romantismo e afeto. Contudo, a pastora aponta que estes problemas no relacionamento foram resolvidos a partir do momento em que solucionou seus problemas internos. Cristiane relata que

Ao acreditar nos pensamentos que o diabo soprava, eu realmente maximizava isso (...) eu mergulhei na minha dor do casamento (...) eu só resolvi o meu problema quando eu descobri que *eu* tinha um problema (...) que eu tenho certeza que é o problema dessa esposa aqui. Você tem um problema, você não é tão forte quanto você acha que é; ela ainda está pensando “se eu tivesse ficado naquele namoro lá, será que eu me casei bem? será que eu não me precipitei”, ela chegou nessa conclusão tudo

baseado em argumentos diabólicos e ela aceitou (informação verbal)³.

A pastora continua dizendo que tudo se resolveu quando ela aceitou o problema, na verdade, era ela mesma e não devia esperar toda essa atenção e valor do marido, mas esperar atenção e valorização de Deus. Cristiane reforça dizendo que ao mudar sua postura, contribuiu diretamente para a mudança de seu marido e que a partir daí o abençoaria. A seguir, a palavra retorna ao pastor Renato que complementa: “sabe por que seu marido está constantemente bravo e irritado? porque ele sabe que a qualquer momento vai sair uma reclamação da sua boca”. E continua “se seu marido não se sente bem perto de você é porque a atenção não deve ser cobrada, mas deve ser atraída, seu marido deve se sentir atraído por você e não forçado a estar do seu lado”.

Essa análise, tanto do pastor Renato, quanto de sua esposa Cristiane, corrobora significativamente para a culpabilização da mulher, em todos os aspectos. A responsabilidade do marido não é reforçada tanto quanto é para a esposa, a ela é atribuída toda a culpa e é dela que deve sair a solução para os desentendimentos no casamento.

Em setembro de 2020, o vídeo dessa pregação continua 61.082 visualizações, 6,5 milhões de curtidas positivas (likes) e apenas 43 curtidas negativas (deslikes). Não é possível saber quantas pessoas se encontravam presentes no dia deste culto, que foi realizado no Templo de Salomão, sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, situado na cidade de São Paulo, liderado pelo pastor Edir Macedo, atualmente dono também da emissora de televisão, Rede Record.

O alcance e a influência que esses líderes religiosos possuem é inimaginável, o tanto de casais e, principalmente, mulheres que os ouvem e os admiram é preocupante, pois seu impacto vai muito além de questões relacionadas entre casais.

Dizer que ‘ela escolhe estar onde está’ ou que ‘o problema será resolvido a partir do momento em que *ela* mudar’, não deveriam ser alegações para se dizer a mulher, pois, ao sofrer algum tipo de violência, poderá assimilar estes acontecimentos como sendo motivadas por atitudes/posturas dela mesma, indo ao encontro da análise realizada por Carneiro (2020, p.30):

O maior desafio era romper com a cultura do silêncio. Até recentemente a sabedoria popular dizia que “não se deve meter a colher em briga de marido e mulher”. A sociedade ainda condenava as mulheres que decidiam se divorciar e responsabilizavam, muitas vezes, as vítimas pela própria violência que sofreram. Muitas mulheres também guardavam a sete chaves os episódios de violência sofridos,

³ Declaração dada pela Cristiane Cardoso, no vídeo ‘Esta é a reclamação nº1 das mulheres (ignore por sua conta e risco)’, publicado na plataforma Youtube em setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHLjCrFGn7k>.

por medo de que o pai dos seus filhos fosse preso ou que as mandasse para fora de casa sem que elas tivessem renda própria para se manter. Esse desafio ainda persiste, embora, graças à trajetória de visibilidade do tema e as campanhas de conscientização, as mulheres estejam rompendo cada vez mais com o silêncio.

Carneiro (2020) continua dizendo que, se antes as questões entre os casais se tratavam de assuntos particulares, hoje o Estado é responsável por criar políticas públicas e uma rede de atendimento especializado a proteger e a prevenir qualquer tipo de violência contra as mulheres e responsabilizar devidamente seus agressores. O Estado é obrigado a não se omitir diante deste fenômeno, mas deve agir para combatê-lo. Devido a essa transferência de responsabilidade do privado para o público, aos poucos todos e todas começam a entender que este não é um problema somente das mulheres, mas de toda a sociedade.

Muitas vezes as mulheres se calam porque são estimuladas a se calarem, a não denunciarem os abusos e a não se protegerem, sendo que escutam estes conselhos de pessoas que elas confiam e as influenciam. Por isso é fundamental incentivar ações e estratégias que não corroboram com esse tipo de argumentação que prejudica as mulheres, mas que tragam uma nova percepção, as encorajem e proporcionem suporte para saírem deste ciclo de violências.

LIDERANÇAS FEMININAS EVANGÉLICAS E NOVAS INTERPRETAÇÕES BÍBLICAS

Apresentarei algumas das releituras desenvolvidas pelo movimento EIG - Evangélicas pela Igualdade de Gênero - que possuem significativos posicionamentos que contribuem para combater todos os tipos de violências físicas e psicológicas sofridas por mulheres e alimentadas pelos discursos machistas propagados pela maioria das Igrejas, e fortalecem a criação de um novo imaginário coletivo dentro destes espaços, pois encontram espaços para unir bíblia e conhecimentos sociais e científicos para desenvolverem novas interpretações a respeito das mulheres.

Em 29 de agosto de 2019, a teóloga Vanessa Carvalho foi citada pela jornalista Simoni Saris, em uma matéria publicada na Folha de Londrina, com o título ‘Evangélicas se unem contra a violência e pela igualdade de gênero’, acerca do coletivo EIG⁴. A jornalista Saris descreve como o caso de João de Deus ficou conhecido em todo o mundo, causando grande

⁴Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/evangelicas-se-unem-contr-a-violencia-e-pela-igualdade-de-genero-2959862e.html>

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

revolta e repulsa das pessoas que souberam das denúncias e investigações que ocorreram contra o médium João Teixeira de Faria. Saris aponta que, devido aos inúmeros casos de abusos que se desenrolaram após o primeiro ato de denúncia, foi possível perceber que estas situações são bem mais comuns dentro dos espaços religiosos do que se imaginava.

Com isto, a jornalista de Londrina faz uma referência ao Coletivo EIG, em virtude de ter surgido especificamente para combater todas as formas de violências que são cometidas dentro das comunidades de fé, independente da crença. De acordo com a reportagem, o coletivo nasce com o objetivo de defender mulheres que praticam sua fé e em ajudá-las a perceberem se estão sofrendo algum abuso por parte de algum líder religioso e as encorajam a denunciarem tais práticas, mostrando que elas possuem o direito de exercerem sua fé sem serem violentadas por conta de seu gênero.

A reportagem continua, destacando que o Coletivo defende a bandeira de igualdade entre os gêneros e se dedicam a realizarem novas releituras bíblicas, dando tanta importância aos aparecimentos de mulheres na bíblia, quanto é dada para os homens. A EIG enfrenta diversas dificuldades para trazer estas discussões de violências, líderes religiosos e fiéis para dentro das igrejas, pois se trata de um tema ainda pouco discutido neste meio, causando receio em debatê-los. Entretanto, tem se tornado urgente, por isso Vanessa Carvalho declara que “o nosso recorte é a violência em espaços de fé. Infelizmente, por toda uma história de patriarcado e de um discurso desapropriado, mulheres têm sofrido abusos” (SARIS, 2019).

O Coletivo EIG atua como sendo uma porta de entrada aos serviços que protegem as mulheres em situação de violência, por isso se caracteriza como uma rede de enfrentamento da violência contra mulher, contando com participação tanto de organizações governamentais como não governamentais. A teóloga afirma que existe um silêncio ensurdecedor das mulheres que sofrem abusos dentro dos espaços religiosos, visto que seus líderes utilizam de seu poder para silenciá-las ainda mais, com a justificativa que são ‘homens de Deus’ e inquestionáveis, transferindo o debate para uma esfera sobrenatural e assim, perpetuando atos violentos contra as fiéis. Por isso alega “essa relação do líder religioso, do guru, do líder espiritual sendo na Terra uma representação do divino torna a denúncia desses casos muito mais difícil” (SARIS, 2019).

Além disso, o Coletivo EIG tenciona a ideia de se construir novas interpretações a respeito das passagens bíblicas. Carvalho defende que é necessário se fundamentar em uma teologia feminista, uma nova hermenêutica na qual constrói uma narrativa de igualitarismo entre os seres humanos, pois diz temer um retrocesso de direitos conquistados, na medida em

que o discurso conservador continua avançando com força neste país majoritariamente cristão. Por fim, Carvalho argumenta que, apesar de ainda não ter ganho tamanha notoriedade, existem grupos cristãos que têm se posicionado contra o deus opressor e violento e se embasado em ensinamento e posturas que Jesus tenha verdadeiramente ensinado a humanidade, como a equidade, a justiça social, ético e humanizado.

No dia 10 de março de 2021 entrei em contato com a coordenadora do Coletivo EIG (Evangélicas pela Igualdade de Gênero) no Estado do Paraná, Vanessa Carvalho de Melo, via *whatsapp*, convidando-a a participar de uma roda de conversa via plataforma *meet*, com os integrantes do projeto de pesquisa coordenado pela professora do Departamento de Serviço Social da UEL, Claudia Neves da Silva⁵.

Vanessa Carvalho aceitou o pedido e nos reunimos no dia 25 de março de 2021. Na reunião compareceram seis pessoas. Elaborei um roteiro de perguntas semi-estruturado, no sentido de guiar a roda de conversa para que o diálogo ficasse aberto entre a teóloga feminista Vanessa Carvalho e todas as presentes.

Estruturei perguntas que favorecessem a compreensão da relação que se estabelece entre o coletivo EIG com as instituições religiosas. Questionei a respeito de como a comunidade de fé tem recebido as propostas da EIG, e a teóloga Vanessa nos disse que as igrejas não estão imunes às transformações pois estão inseridas no meio social e por isso estão sentindo a força dos movimentos feministas adentrar pelos portões das igrejas e se veem na obrigação de discutirem a respeito das desigualdades de gênero.

A teóloga pontua que o Coletivo EIG tem se aproveitado destas brechas para contribuir com o debate dos direitos das mulheres dentro das comunidades de fé, ou como ela mesma salienta “se infiltrando para florescer” (informação verbal)⁶. Além das igrejas serem um espaço de convívio social de mulheres, como analisado por Vanessa, muitas vezes é o único ambiente público que “os maridos das mulheres ‘autorizam’ que elas frequentem, fora do ambiente doméstico” (informação verbal)⁷. Com isto, o Coletivo EIG traz a discussão do enfrentamento à violência de desigualdade de gênero, enquanto ‘carro chefe’ para adentrar nas igrejas.

O coletivo EIG surge para que se abra e amplie a possibilidade de debater a respeito das escrituras sob uma nova perspectiva, como ressalta a teóloga feminista “resgatar a verdadeira

⁵ A influência de valores e princípios religiosos na execução das políticas sociais públicas no Município de Londrina: estudo de caso.

⁶ Entrevista realizada com a coordenadora do Coletivo EIG, Vanessa Carvalho de Mello, no dia 25 de março de 2021, às 14hs, via plataforma *meet*.

⁷ Entrevista realizada com a coordenadora do Coletivo EIG, Vanessa Carvalho de Mello, no dia 25 de março de 2021, às 14hs, via plataforma *meet*.

história que foi inviabilizada por uma história ocidental racista e patriarcal, pois acreditamos em um Jesus negro que viabilizou a presença de mulheres na história do cristianismo” (informação verbal)⁸.

A teóloga evidencia que as falas destas mulheres são provocativas no sentido de incomodar os evangélicos que estão acostumados com um comando masculino, de um Deus masculino. A nova hermenêutica da suspeita resgata a expressão hebraica ‘Ruah’ que se denomina como sendo o nome feminino de Deus, representado como o Espírito Santo, revelada no livro de Gênesis. Com isto, estas mulheres anunciam uma Deusa mulher e mãe, o que caracteriza como uma afronta ao cristianismo patriarcal que reverencia apenas um Deus homem e pai.

A coordenadora Vanessa relata que mulheres que ocupam cargos de liderança e se posicionam contra essas violências, já sofreram ameaças e boicotes de silenciamentos por grupos conservadores e fundamentalistas. Ao confrontar estas tradições, Vanessa Carvalho reforça que quando assume posicionamentos como esses, é necessário que haja uma rede forte de apoio para que as mulheres não andem sozinhas, pois pode custar tanto a sua própria segurança como a de seus familiares.

A teóloga Vanessa informa que o coletivo EIG propõe mostrar para estas mulheres evangélicas que o feminismo também existe para elas e que é possível praticarem e exercerem sua fé ao mesmo tempo em que lutam pelos seus direitos e se posicionam contra as opressões e desigualdades de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas duas perspectivas oriundas de mulheres que seguem a mesma doutrina religiosa, percebe-se diferentes interpretações da bíblia e a existência de resultados diversos nas comunidades religiosas que frequentam. O fato de as mulheres evangélicas começarem a ocupar cargos de liderança dentro de seus espaços religiosos, caracterizou um passo significativo no lento processo de luta pela igualdade entre elas e os homens evangélicos.

Todavia, a partir de discursos ministrados por estas mulheres, entende-se que o fato de ter uma mulher na liderança não necessariamente resultará em posicionamentos contra o machismo, a opressão e submissão da mulher. No que tange a situação de Cristiane Cardoso,

⁸ Entrevista realizada com a coordenadora do Coletivo EIG, Vanessa Carvalho de Mello, no dia 25 de março de 2021, às 14hs, via plataforma *meet*.

que apesar de ocupar um local conquistado pelos movimentos feministas, ou seja, posição de liderança e destaque, difunde discursos que corroboram para a permanência e naturalização de situações de opressão vivida por mulheres evangélicas, pontuando que os problemas que surgem no casamento devem ser solucionados pela mulher, responsabilizando-a pelas divergências na relação e propondo que se silencie e se dedique a ser compreensiva com seu cônjuge, independente do que ele faça.

No que diz respeito ao Coletivo EIG (Evangélicas pela Igualdade de Gênero), foi possível identificar um comprometimento com a defesa de direitos e encaminhamento das mulheres em situações de violência aos órgãos estatais, responsáveis pelo acolhimento e atendimento especializado. Ao contrário do Movimento *Godllywood*, o Coletivo EIG não culpabiliza as mulheres pelas situações em que se encontram, não justificam como ‘falta de Deus’ ou ‘falta de sabedoria’, mas compreendem e realizam uma análise de conjuntura a respeito das lutas sociais, de grupos minoritários e se posicionam contra injustiças e opressões causadas em ambientes religiosos, e fora dele também. A teóloga Vanessa Carvalho, juntamente com outras teólogas feministas se debruçam a estudar e a reformular as interpretações bíblicas, a partir da teologia da suspeita, capaz de questionar a escritura sagrada, compreendendo o contexto e por quem foi escrito.

Constata-se a importância da existência de coletivos como o Coletivo EIG, visto que possuem voz ativa dentro de suas comunidades religiosas, trazendo discussões de gênero em um local que ocorre tantas violações de direitos, sobretudo oriundos de líderes religiosos que se utilizam de interpretações bíblicas para perpetuarem a submissão da mulher e fecham os olhos e os ouvidos para os pedidos de socorro de mulheres evangélicas.

Como não há previsão, nem intenção, de que um dia as religiões deixem de existir, é importante refletir como as lideranças religiosas têm orientado seus fiéis, o que as ideias e discursos de lideranças denominadas progressistas têm disseminado e divulgado na vida de milhares de mulheres que as ouvem. Posto que os discursos religiosos detêm um poder de formar pensamentos e induzir ações, se faz necessário observar o que tem sido disseminado e assim, compreender como estes discursos têm se mostrado presentes no cotidiano individual e social.

REFERÊNCIA

BALLOUSSIER, V. A. **Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década**. Rio de Janeiro, 14 de jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>. Acesso em 23 de nov. de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art 5º, inciso VI. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, p. 179. Disponível em: <https://prespublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-5--inc-VI>

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>.

BRASIL. Lei nº 8600/83, de 13 de Março de 1993. **Código de Ética do/a Assistente Social**. Disponível em: http://www.cresspr.org.br/site/wp-content/uploads/2010/08/CEP_CFESS-SITE.pdf

CARDOSO, Renato. **ESTA É A RECLAMAÇÃO Nº1 DAS MULHERES (ignore por sua conta e risco)**. Youtube, setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHLjCrFGn7k&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2V6Y42eVvu6fckaRi4NLVMdiJfK2t7LZSmH0KSyWI2sD3AHcCIfDGbVNw>.

CARDOSO, Renato. **EXEMPLOS INESPERADOS: como a mulher pode influenciar todos ao seu redor**. Youtube, 08 de março de 2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IwfBto9CcG4&t=293s>

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis; 15(4): 679-84. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.

CARLOTTI, Tatiana. O fenômeno evangélico em números. Carta Maior: O Portal da Esquerda Maio, 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/O-fenomeno-evangelico-em-numeros/52/44150>. Acesso em 23 de nov. de 2020.

CARNEIRO, Isabel. **O processo de debate e construção dos direitos**. Curso “Programa de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher”. Universidade Aberta do Nordeste, Fundação Demócrito Rocha, 2020.

CARVALHO, Claudia. **Depois que me divorciei, a igreja fechou as portas para mim.** MULHERES EIG. 6 de outubro de 2017. Disponível em; <https://mulhereseig.wordpress.com/2017/10/06/a-igreja-me-fechou-as-portas-depois-que-me-divorciei/>

CARVALHO, Claudia. **“Se você não cozinha, não lava e não arruma a casa, não pode ser uma boa esposa”.** MULHERES EIG. 7 de janeiro de 2018. Disponível em; <https://mulhereseig.wordpress.com/2018/01/07/se-voce-nao-cozinha-nao-lava-e-nao-arruma-a-casa-nao-pode-ser-uma-bou-esposa/>

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR. **Nossa História**, 2020. Disponível em: <https://catolicas.org.br/nossa-historia/>

CFESS MANIFESTA. Edição Especial: **Em defesa do Estado Laico!**. Conselho Federal de Serviço Social. Brasília-DF, 06 de jan. de 2016. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/2015-CfessManifesta-EstadoLaico-Site.pdf>

COLARES, Karen. **Machismo na igreja: ontem e hoje** – Parte 1. MULHERES EIG. 28 de janeiro de 2020. Disponível em; <https://mulhereseig.wordpress.com/2020/01/28/machismo-na-igreja-ontem-e-hoje/>

ENOQUE, Alessandro Gomes; OLIVEIRA, Alesca Prado de. **Gênero e neopentecostalismo: um olhar a partir do projeto *Godllywood***. REVER, São Paulo, v. 19, n. 3, dez de 2019.

FARIA, José; MENEGHETTI, Francis. **O sequestro da Subjetividade**. XXV Encontro Nacional da ANPAD – ENANPAD, 2001

FRANCESCO, Wagner. **Esquerda brasileira deixou parte dos cristãos no colo da direita**. CartaCapital, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/esquerda-brasileira-deixou-parte-dos-cristaos-no-colo-da-direita/> Acesso em: 05 de agosto de 2020.

GOHN, Maria da Glória. **500 ANOS DE LUTAS SOCIAIS NO BRASIL: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor**. Revista Mediações, Londrina, v.5, n.1, jan/jun. 2000

G1. **Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE**. São Paulo, 2012. Disponível em:

[http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html#:~:text=Mas%20o%20pa%C3%ADs%20segue%20de,123%2C2%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20evang%C3%A9licos%20no,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\).](http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html#:~:text=Mas%20o%20pa%C3%ADs%20segue%20de,123%2C2%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20evang%C3%A9licos%20no,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE).) Acesso em 23 de novembro de 2020.

HISTÓRICO. **Católicas pelo Direito de Decidir**. s.d. Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>. Acesso em 29 de março de 2020.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**: População residente por religião, 2010.

Justiça de Gênero. **ENTREVISTA - Valéria Cristina Vilhena (EIG)**. 16 de novembro de 2015. Disponível em <http://www.diaconia.org.br/justicadegenero/noticias->

int.php?id=entrevista-valeria-cristina-vilhena

JUSTIÇA DE GÊNERO. **O projeto. Diaconia Act Aliança**. Disponível em:
<http://www.diaconia.org.br/justicadegenero/projeto.php>

LUXEMBURGO, Rosa. **O Socialismo e as Igrejas**. Revista Espaço Acadêmico. Ano II – Nº 17 – Outubro/2002

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista Estudos Feministas, vol. 13 n.2. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26891.pdf>

MARIANO, Renato. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos Avançados, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>

MÁXIMA COMUNICAÇÃO. OAB-Londrina sedia Roda de Diálogo Meu Corpo, Minha Fé. Londrina, PR. Disponível em: <http://www.maximacom.jor.br/releases/oab-londrina-sedia-roda-de-dialogo-meu-corpo-minha-fe>

MELO, Lis Albuquerque. **Violência: uma perspectiva psicossocial**. Curso Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a Mulher. Universidade Aberta do Nordeste, 2020. Disponível em: https://cursos.fdr.org.br/pluginfile.php/883272/mod_resource/content/7/F7-Enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-compressed.pdf

MIRANDA, Fernanda. **Religião e Mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN. 2009.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. Agosto de 2014. Disponível em:
http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf

NUNES, Maria José Rosado. **Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara**. Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 01. Florianópolis, 2006

PEREIRA, V. C. M. C. **COLETIVO EVANGÉLICAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO (EIG) COMO AÇÃO POLÍTICA-TEOLÓGICA NO ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES**. Registro de Comunicação oral e/ou apresentação de trabalho em painel, XVI Semana de Estudos: A Pesquisa no Contexto da Fé Cristã. Faculdade Teológica Sul Americana. 03 de set. 2019. Disponível em:
<https://ftsa.edu.br/extensao/wp-content/uploads/2020/09/Painel-EIG.pdf>

PEREIRA, V. C. M. C. **Mulheres na Teologia**. Faculdade Teológica Sul Americana, 2019. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/home/index.php/en/comunidade/649-mulheres-na-teologia>

PEREIRA, V. C. M. C. **Vanessa Carvalho de Mello da Cunha Pereira. Currículo Lattes**. Congresso Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Acesso em 03 de mar. de 2021. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3661824630613555>

REDAÇÃO HYPENESS. **Vídeo de Edir Macedo proibindo filhas de fazer faculdade**

antes do casamento é alerta para educação de meninas, 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/09/video-de-edir-macedo-proibindo-filhas-de-fazer-faculdade-antes-do-casamento-e-alerta-para-educacao-de-meninas/>

SANTOS Fernanda Massaro. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN**. Universidade Católica de Brasília. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 1, mai. 2012.

SARIS, SIMONI. **Evangélicas se unem contra a violência e pela igualdade de gênero**. Folha de Londrina, 29 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/evangelicas-se-unem-contr-a-violencia-e-pela-igualdade-de-genero-2959862e.html>

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Universidade de São Paulo, São Paulo, Agosto de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>. Acesso em 04 dez. 2020.

SILVA, Claudia. **As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no município de Londrina (1970 – 1990)**. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2008.

SOUZA, Alana Sá Leitão. **O Godllywood e a ‘mulher virtuosa’ na IURD**. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 4, volume 4(2):24-38, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/viewFile/231680/25808>

VILHENA, C. Valéria. **Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia**. Universidade Metodista de São Paulo Faculdade de Humanas e Direito. São Bernardo do Campo, 27 de julho de 2009. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/529/1/Valeria%20Vilhena%20Mestrado.pdf>. Acesso em 23 de nov. 2020.

VIEIRA, Kauê. **40% das mulheres vítimas de agressões físicas e verbais são evangélicas**. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/03/40-das-mulheres-vitimas-de-agressoes-fisicas-e-verbais-sao-evangelicas/>

VILHENA, C. Valéria. **É possível alinhar a proposta feminista com o evangelho?**. Mulheres EIG, 30 de maio de 2017. Disponível em: <https://mulhereseig.wordpress.com/2017/05/30/e-possivel-alinhar-a-proposta-feminista-com-o-evangelho/>

VILHENA, C. Valéria. **Violência de Gênero e a Igreja**. Mulheres EIG, 14 de março de 2017. Disponível em: <https://mulhereseig.wordpress.com/2017/03/14/violencia-de-genero-e-a-igreja/>

* * * * *